TL5717

# MAUBERE: O PODER DE UMA IDEIA

## Resposta a JP Esperança

### INTRODUÇAO

Escrevo-lhe de Timor Leste, um país ocupado onde o Povo é oprimido e humilhado pelo invasor mas que resiste e continua a lutar pela sua liberdade. Nno tenho tempo de dia, e por isso estou escrevendo de noite à mao; amanha de manha alguém passará o meu texto à máquina e seguirá por suas vias para muito longe, para os leitores do CM, na longínqua Lisboa, cidade, que antigamente se chamava e ainda hoje se pode chamar em perspectiva cultural, a "capital do mundo portugues". Lisboa faz-me lembrar de chofre, o nosso saudoso Dom Martinho, que morreu aí exilado, o grande Camoes que cantou o meu país n'Os Lusíadas, e Amália Rodrigues, o Rui Cinatti, os antigos governadores Alves Aldeia, lembrado aqui em Dili com uma avenida dedicada ao seu nome (Av. Gov. Alves Aldeia), e Lemos Pires, o Luis Thomaz, o Adelino Pires, profissional de jornalismo com coraçao, e o jovem Palma Carlos, que conheci como autor do magistral "Eu fuí ao fim do mundo" e outros amigos.

Aprecio a demonstraçao de amizade para com a minha terra bem amada, Timor Leste. Já agora, permita-me lembrar-lhe uma coisa: "Timor Leste", com toda a carga emocional, simbólica e política que lhe pertence, foi cunhado pela FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR LESTE INDEPENDENTE ou FRETILIN (nao precisamos de 'branqueamentos' semanticos'), "Timor-Leste" (East Timor) é sucessor politico e diplomático de "Timor Portugues" que em termos jurídico-politicos continua a ser o estatuto de Timor Leste perante o direito internacional, continuando Portugal a potencia administrante do territorio.[1] Faço votos para que essa amizade permaneça "para o que der e vier" de todas as estaçoes da vida.

### I. PREMISSAS E FALÁCIAS

A "modesta reflexao" é mesmo muito modesta e o autor nao feriu susceptibilidades de ninguém. Mas é aí que se esconde todo o veneno: parece um artigo pacífico, inofensivo, mas nao é. O penúltimo parágrafo é altamente revelador. É um artigo infeliz, porque é uma campanha política que serve interesses partidários de pseudo-intelectuais, de "pataratas" (como dizemos aqui em Timor Leste) e oportunistes políticos.

1. Cito: "'Maubere' foi apenas um antropónimo masculino da regiao centro-oeste de Timor-Oriental, zona dos "kaladi", falantes do 'mambai' e 'kemak'...".

Repare que a FRETILIN utilizou 'Maubere' que é absoluta e totalmente diferente de "Maubere beikten". Há uma grande diferença fundamental, essencial, entre 'Maubere' e "Maubere beikten". A FRETILIN assumiu 'Maubere' enquanto simbolo com toda a sua profunda substancialidade autóctone Timorense, nao a falsa representacao colonial. A FRETILIN assumiu o simbolo, nao o "vituperio" da construcao colonial que nao tem fundamento na realidade. Esse "vituperio" é portanto uma falsidade. A FRETILIN nao assumiu essa falsidade, que "existe" enquanto construcao colonial, mas nao existe enquanto realidade Timorense.

Aquilo a que o autor e aqueles reais ou ficticios "naturais de outras partes de Timor" chamam "Maubere beikten" nao existe na realidade; nao é uma verdade, é uma falsidade. "Maubere beikten" é um conceito intrinsecamente falso, é uma ideia colonial, que "alguns portugueses" (como diz o nosso respeitado Bispo D. Carlos) e alguns "assimilados" utilizaram. Nao tem culpa; a culpa é da maquina ideológica. Mas exactamente porque esse conceito é fabricado, nao tem fundamento na realidade objectiva da prática cultural e da produçao económica. E por isso é que também, por inerência, ser chamado Maubere nao implica e muito menos significa ser "zé-ninguém, seu parvo, seu estúpido". Maubere nao é nem significa 'zé-ninguém': é um Homem. O facto de terem produzido uma comparaçao com categorias da "metrópole" ("zé-ninguém") só indica para as referencias culturais de quem o podia fazer: "malaes" e "assimilados".

O problema é que o autor e todos os que pensam como o autor engoliram as premissas coloniais de "alguns portugueses" (como diz o nosso respeitado Bispo D. Carlos) e alguns "assimilados"; nao querem, psicopáticamente, ouvir pronunciar um nome Timorense, 'Maubere', porque se comvenceram em base àquelas premissas erróneas, que o termo está conotado com estupidez e parvoice, quando essas tais conotaçoes nao tem fundamento nenhum na realidade. O que o colonialista diz sobre o colonizado, na maioria dos casos, nao é a verdade, mas o autor aceitou que é. E aqui está todo o problema.

O colonialismo nao respeitou os *Caladis* tratando-os de "preguiçosos e ignorantes" diante doutros que eram imaginàriamente industriosos e inteligentes, que seriam aqueles da massa amorfa e culturalmente híbrida dos "assimilados". Também o colonialismo de modo nenhum respeitou os *Firacos* da ponta leste da ilha por causa do seu espirito independentista.

Nos fins do século passado os habitantes duas aldeias principais dos reinos de Sarau e Fatoro foram massacrados pelas tropas coloniais (integrada por Timorenses doutras regioes), nas campanhas de penetraçao na ponta leste da ilha, que até entao, sob a lideranca dos seus liurais, se conservara intrépidamente oposta ao colonialismo portugues; o mesmo aconteceu nos inícios deste século no centro-sul e centro-oeste onde morreram figuras políticas como D. Boaventura de Manufahi.

Sim, certamente, 'Maubere' é um antropónimo masculino, não de toda, mas de uma grande parte da região centro-oeste do Timor Leste. Foi-o no passado, é-o no presente.

2. Continuo a citar: "Na região dos caladis,[2] terra do tão afamado café de Timor quase toda a gente tinha alguns pés da dita planta, para além de uma pequena horta com um pouco de mandioca e milho. Para satisfazer as suas necessidades simples e pagar o imposto anual, o indivíduo *limitava*-se a vender o que a terra lhe *dava*, e ainda lhe *sobrava* alguma coisa para comprar uma manta ou uma lipa".[3]

Parece que o autor pensa que os *Mambae* ou os *Kemak* andavam e andam a brincar nas hortas e nas plantações: "alguns pés da dita planta...uma pequena horta...um pouco de mandioca e milho...". O autor vai mais longe e escreve que "o indivíduo limitava-se a vender o que a terra lhe dava". Mas, caro leitor, além dos pretéritos imperfeitos todos, o pior do Esperança está para vir.

3. O senhor Esperança reconhece que "naturalmente que as coisas nem sempre seriam assim tão simples para todos,[4] no entanto criou-se entre os 'auxiliares'... naturais de outras partes de Timor a convicção de que os nativos daquela zona eram preguiçosos e ignorantes, daí a expressão 'Maubere beikten'"(sublinhado meu).

Em primeiro lugar, o autor imagina uma situação onde havia 'auxiliares' que trabalhavam juntos provenientes de diversas partes desta meia-ilha. Perfeitamente plausível!

Segundo, categóricamente afirma o autor que foram "naturais de outras partes de Timor" que, com "convicção" chamaram "preguiçosos e ignorantes" aos "nativos daquela zona" para depois magistralmente concluir : "daí a expressão 'Maubere beikten'".

Grande descoberta? Não: falácia lógica sobre duas outras falácias: metodológica e sociológica! Falácia metodológica porque não demonstra utilizar critérios de abordagem sistemática e sistémica do problema entre mãos: pegou numa única categoria colonial e produziu, como que por mágicas artes, uma conclusão cultural e política, o que demonstra pouca seriedade intelectual. Falácia sociológica porque não utiliza instrumentos válidos de análise sociológica, tais como investigação empírica, limitando-se à mera conjectura. Segue-se que o autor não dispõe de válidas premissas sociológicas para uma simples operação lógica que portanto ele não consegue construir; pelo contrário utiliza um argumento que é falso na sua constituição interna e não tem fundamento na realidade.

Terceiro, irresponsávelmente o autor impos a autoria ideológica da fabricação dessa categoria colonial aos Timorenses "naturais de outras partes de Timor" entre os quais "criou-se..." a "convicção" que "os nativos daquela zona eram preguiçosos e ignorantes". O autor não conseguirá provar o que afirma: que os "nativos daquela zona" "eram preguiçosos e ignorantes". Nem vai ele poder ajudar aquelas tais "naturais

de outras partes de Timor" a provar o que ele diz que eles afirmam.

O autor está simplesmente usando, no pretérito imperfeito, estereótipos coloniais clássicos e antiquados, deslocados no tempo e na substancia. Para provar que esses estereótipos sao essencialmente erróneos, neste momento o maior sucesso do programa de "credit union" rural (CU) em todo o Timor Leste pertence a um grupo proveniente de Atsabe, zona *caladi*.

"Criou-se" é terminologia de anonimato em discurso político e policial, mas nao de investigacao sociológica empírica. Mesmo aí o autor deixou a maozinha de fora: o "criou-se" pode apontar para agentes externos ao grupo dos envolvidos no tal "local de trabalho" imaginário do autor, onde os "naturais de outras partes" trabalhavam juntamente com os "nativos daquela zona".

Tudo me leva a duvidar duma análise económica em que "o individuo limitava-se a vender o que a terra lhe dava": portanto, nenhuma acçao do homem sobre o seu ambiente. Se nao há agencia sobre o ambiente (que inclui a agricultura) nao há cultura. Qual o Povo sem cultura? Ainda que, por absurdo, isso fosse minimamente próximo da verdade, o autor nao admitiria que haveria possibilidades de substancial mudança qualitativa nos aspectos culturais e materiais da produçao económica, o que intrinsecamente desmentiria aquelas categorias coloniais que acaba de aceitar? A tentativa de contextualizacao histórica do "vitupério maubere" falha tanto na descriçao da morfologia económica como na análise sociológica e política.

Como dizia, Atsabe está em primeiro lugar em termos de desenvolvimento de *credit union* (CU) rurais, um esforço levado a cabo entre imensas dificuldades políticas e logísticas. Atsabe tem sido alvo de imensas operacoes de rusgas devastadoras do invasor indonésio. O autor está efectivamente tratando os *Kemak* e *Mambae* como estúpidos, o que é altamente ofensivo.

## II. CONTRADIÇAO INTERNA

O autor afirmou que os "naturais de outras partes" tratam os Timorenses "daquela zona" de "preguiçosos e ignorantes", e "daí a expressao "Maubere beikten"": acreditou na relaçao de causalidade directa entre "preguiçosos e ignorantes" e "Maubere beikten".

A contradiçao interna na posicao do autor é demonstrada pelo seguinte: depois de ter inicialmente aceite aquelas (falsas e inválidas) PREMISSAS (incompletas) que fundamentam a utilizaçao (errónea) do termo no dicionario colonial, o autor vira-se num segundo momento contra as (falsas e inválidas) CONSEQUENCIAS da utililizaçao (errónea) do termo e pretende sair em defesa dos "timorenses aviltados" pelo "insulto" ou "vitupério maubere".

A bravura Timorense nao é representada únicamente pelo nosso D. Aleixo Corte-Real da Casa de Suro (zona *Caladi*): D. Aleixo representa apenas uma parte da nossa História. O colonialismo divide para reinar.

Nós Timorenses só devemos ser o que somos dentro do contexto da nossa história que neste momento está a ser escrita com o nosso próprio sangue.

III. VERDADES HISTÓRICAS

Mas o nosso autor nao é cego: também diz verdades!

1. Volto a citar: "Os infelizes acontecimentos que se seguiram e as circunstancias que levaram a que a Fretilin viesse a ser a única força com alguma estrutura organizada no terreno levaram ao aumento progressivo da utilizacao do termo" (sublinhado meu). Aqui o autor teve a lealdade de reconhecer verdades históricas fundamentais, que tem prolongamento no mapa politico actual de Timor Leste. Nao falta quem nao goste de aceitar a realidade histórica tal como ela é: ela "faz sombra" a quem quer luzir como Luis XIV de França.

Quando a Indonésia invadiu Timor Leste, quem estava no território para enfrentar as forças invasoras foi a "estrutura organizada" da FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR LESTE INDEPENDENTE (FRETILIN). Como foi há vinte anos, assim é no presente. É isto o que contava e é isto o que conta: o importante foi, é, e será sempre combater pela Pátria, por um País que se chama Timor Leste, num combate de vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas em condiçoes extremas, desde há mais de vinte anos.

Esta é razao de ser, a causa última da luta, em que a palavra, o nome-símbolo, 'Maubere', serviu de torcida acesa que acendeu a chama da identidade, do sentir-se um Povo unido, com uma liderança politica e em pé de guerra nos tempos modernos contra uma potencia asiática invasora.

Pode-se perguntar onde estava a UDT, enquanto força politica com 'estruturas', se as tinha? Pode-se saber onde estao neste momento as 'estruturas' da UDT? Se nos permite responder a esta segunda pergunta, essas estruturas estao no exterior! "Onde estamos" diz muito sobre o que somos.

2. O autor diz que a UDT "nunca" aceitou o termo, "tal como muitos timorenses de outras zonas...". Parece-nos que a UDT "nunca" aceitou porque se 'fundamentou' em falsas premissas!

Se há "katuas firakos" que "*costumam* ser avessos ao seu uso", apresento-lhe um *Firaco* que luta sob a Bandeira Maubere: Nino Konis Santana, o comandante das FORÇAS ARMADAS DE LIBERTAÇAO

NACIONAL DE TIMOR LESTE (FALINTIL), que asseguram militarmente o simbolismo político da luta política e diplomatica do Povo de Timor Leste, é um *Firaco* até à medula dos ossos. Ele é também líder da FRETILIN.

Em democracia há espaço para discordarmos: porque nao? Um dia, no Timor Leste livre, decidiremos em eleicoes livres e veremos quais sao, em plena liberdade, os desejos do Povo. Até lá, se quiserem, é lutar, lutar, pela unidade na campanha política e diplomática para alcançar a liberdade, que é o objectivo fundamental; mas lutar, lutar, lutar positivamente e incansavelante, todos os dias, a toda a hora. Nao tenham medo: Timor Leste é de todos os Timorenses, há lugar para todos. Mas nao interessa a um Timor Leste oprimido "albergar" um grupo de pseudo-intelectuais de pouco valor intelectual e moral.

3. Como o autor se fundamentou na autoridade moral do nosso respeitado Bispo D. Carlos, e o citou no seu artigo, vou também citar o que o autor citou de Sua Ex.cia Reverendíssima: "Disse a Ramos Horta, a Abílio Araújo e a Xanana Gusmao que eles tem o direito de usarem o termo que quiserem...". Reparou nisto?

Repito que o nosso respeitado Bispo disse: "Eles tem direito de usarem o termo que quiserem...": se o autor nao gosta, o problema é seu. Esta é a oraçao principal da frase completa como vem reportada; a segunda oraçao que segue, é oraçao subordinada, segundo a gramática Portuguesa para escola primária.

Certamente nunca tratarei o autor de Maubere, porque nao o é, nao o será, e nem o merece, mas assiste-me a legitimidade moral e política de continuar a utilizar públicamente esta palavra-símbolo, que viveu e sobreviveu escondido durante séculos nas montanhas da minha terra de Timor Leste, mas que hoje percorre o mundo, difundindo a luta deste povo até nascer o sol do dia em que "a guerra há-de terminar a sorrir amor..." (Fernando Sylvan, 1986).

4. A UDT é ambígua por natureza: começou por querer federaçao com Portugal; depois quis bater-se pela independencia; depois foi vender a alma aos indonésios, enquanto uma parte vegetava em Portugal. O Sr. Chico Lopes ainda fala em nome da UDT, mas trabalha para o Sr. Suharto. Em Portugal há duas UDTs; que mais quer?

A UDT nao reconhece Xanana Gusmao que é o líder extremamente respeitado e querido pelo Povo enquanto líder da Resistencia Nacional; a UDT nao é e nao quer ser membro do CONSELHO NACIONAL DA RESISTENCIA MAUBERE. Que 'representa' a UDT aí fora se aqui dentro nao há uma estrutura organisada da UDT para ser representada? Por seu lado eu creio que a FRETILIN nao tem problemas em deixar a UDT continuar a chupar e mamar das tetas da Resistencia Nacional. De facto, a unidade nacional é uma coisa boa, mas os 'líderes' da UDT só querem unidade nacional se forem 'líderes'.

Isto já nao é uma doença reservada à velha guarda dos Lopes e Carrascaloes e companhia: os novos também já foram contaminados. Veja o caso de um tal 'Dr.' Zacarias da Costa, um dos nao sei quantos vice-presidentes da UDT. A UDT nao é membro do CNRM cujo líder é o Xanana Gusmao; mas o 'Dr.' Zacarias vive e vegeta em Bruxelas e "representa" a "Resistencia" cuja liderança, a de Xanana Gusmao, a sua UDT nao reconhece. Sabemos que o tal 'Dr.' Zacarias está em Bruxelas, dentro de um esquema chamado CCFD, que morreu quando veio à luz. Continuar a vegetar em Bruxelas só pode ser politicamente lógico se e porque o 'Dr.' Zacarias está atrelado à FRETILIN e atrelado ao CNRM.

Mas o 'Dr.' Zacarias apresenta-se como 'REPRESENTANTE PERMANENTE' DE TIMOR LESTE, nada mais nada menos. Imaginem o atrevimento! Com que legitimidade, se o partido dele, a UDT, nao tem estruturas em Timor Leste e nao reconhece a liderança da Resistencia Nacional? Um bocadinho mais de dignidade pessoal e já estariam honestamente ganhando a vida com o suor de seu próprio rosto. A tolerancia tem sido uma virtude muito importante para nós aqui em Timor Leste.

5. O autor respira aliviado ("Enfim...") e contente, porque, afirma que "apesar de tudo há perspectivas de mudança em relaçao à utilizacao desenfreada de tao polémica palavra. Há jornais que tem como norma nas suas redacçoes o seu nao-uso, os discursos oficiais tem vindo a diminuir a frequencia da utilizaçao do termo (mais ou menos paralelamente ao aumento de convicçao de que a Fretilin, CNRM e organizaçoes satélites nao sao os únicos representantes dos interesses do povo timor)..." (sublinhado meu).

O autor é ou quer ser homem de convicçoes (que pelos vistos aumentam e diminuem): a sua última conviccao é que "a FRETILIN, o CNRM e organizacoes satélites nao sao os únicos representantes do povo timor". Nao é novidade nenhuma em 1997 que esta afirmaçao é realpolíticamente correcta mas o autor chegou tarde, e todavia quer ensinar Historia Politica de Timor Leste.

Notei ainda duas coisas: o autor esqueceu-se de mencionar a UDT neste grupo de forças políticas. Esta declaraçao do autor implica o seguinte: os que sao mencionados no texto nao sao os únicos representantes, é claro, mas sao representantes. Que alívio! Mas quem sao os outros? O autor nao os mencionou: desconfio que o autor esteja a subentender a UDT. Se acreditasse tanto na representatividade da UDT, eu creio que nao teria necessidade nenhuma de estar a choramingar tanto. Ou entao o autor está a sonhar com uma UDT toda-poderosa para alternar com as forças políticas que mencionou neste último parágrafo. Poderá experimentar no terreno.

O autor e os seus amigos da UDT já nem se dao ao trabalho de pensar enraizados em Timor Leste. Mas nao tem culpa: estao fora do território há mais de vinte anos.

O penúltimo paragrafo, no fundo da página, é o que eu considero o VENENO do artigo, e aqui está a chave de leitura do texto: nao se trata de uma "modesta reflexao" sobre uma palavra. Este artigo é, infelizmente, uma sórdida e triste campanha política de baixo nível, que vem à luz no momento em que dezenas de jovens sao presos e torturados em Timor Leste, e a repressao indonésia recrudesce depois do Prémio Nobel. O que o autor demonstrou foi sobretudo a sua falta de sensibilidade perante o drama e perante uma situaçao, em que se nao há palavras adequadas, o melhor teria sido calar-se. Terfamos preferido campanhas de solidariedade em favor da liberdade, paz e justiça para Timor Leste. Terfamos preferido que o autor se tivesse dedicado a escrever artigos profissionais, capazes de influenciar a opiniao internacional. Mas nao podemos exigir: isso depende das suas capacidades e da sua amizade para com Timor Leste.

6. Uma nota de história que o autor desconhece ou conhece muito mal: esses "distintos sectores da resistencia" que mencionou no seu artigo, sugeriram, nao a eventuais entidades ou existencias anónimas, através de jornais, mas ao Comandante Xanana Gusmao (sabia disto?) líder de facto da Resistencia Nacional (que a UDT nao tem capacidade moral e política de reconhecer) que o CNRM se transformasse em CNRT. Xanana respondeu num discurso (31.05.95) enviado e lido à Assembleia da República Portuguesa, que ele aceitaria a mudanca de nome de CNRM para CNRT se fosse esse o grande obstáculo para a unidade nacional Timorense. Onde estavam os da UDT que tanto "nas duas últimas décadas" batalharam contra o termo? Eternos ausentes da história, a UDT nao esteve presente para acolher a mao estendida de Xanana Gusmao. Quanto a nós faremos a nossa humilde parte no combate pela liberdade, e continuaremos a lutar usando o termo 'CONSELHO NACIONAL DA RESISTENCIA MAUBERE', do qual a FRETILIN é membro fundador, e no qual todos os Timorenses estao convidados a participar.

Até aqui fiquei a refutar a assim chamada "reflexao" que é infelizmente muito, muito modesta. Nada de novo na sua "reflexao" sobre uma "discussao" que durou "duas décadas".

Mas para nao me sentir responsável pela ignorancia do autor, enviarei a seu tempo outro artigo mais técnicamente concentrado sobre o 'Maubere'. Anticipo dizendo que este é um termo muito utilisado em Timor Leste, nas cidades, vilas, e aldeias das montanhas, na resistencia política, armada e clandestina, nos escritórios, nas escolas e nas igrejas, nas hortas e em casa, em conversa pública e em segredo, desde há mais de vinte anos. Se o autor nao sabia, até temos um padre aqui, que cursou Filosofia e Teologia em Portugal, que todos chamamos com muito carinho, "Padre Maubere" e é assim que ele é conhecido em Timor Leste e no estrangeiro. Por seu lado, ele sente-se imensamente feliz com isso: é o Padre Domingos Soares, "falante de mambae" de uma zona *caladi* de Timor Leste, oriundo de Letefoho (Prémio Pax Christi International 1997).

(9)

Como se ve, na nossa Igreja Católica aqui de Timor Leste há espaço para opinioes diferentes: Dom Carlos, Premio Nobel 1996, e o Padre Maubere, Premio Pax Christi International 1997, lutam lado a lado pela liberdade do mesmo Povo Maubere de Timor Leste. Nao pensamos em termos coloniais, étnicos e etnonimicos, mas politicos e diplomaticos. O verdadeiro problema é apenas um: é o problema da liberdade. Felizmente, para ser profunda e genuinamente Timorense, nao é necessario conformar-se com os gostos e as preferencias dos grandes "intelectuais" da UDT aos quais o autor achou bem associar-se.

Ira Lafai Lighur
Timorense, Fataluco,
Membro da Resistencia Clandestina e da
FRETILIN

NOTAS

1. Uma nota linguistica: o autor utilizou o termo 'Oriental', eu utilizo o termo 'Leste', como está nacional e internacionalmente consagrado pela Resistencia do Povo que luta, sofre e morre aqui em Timor Leste. A escolha do termo identifica o autor com certas tendencias udetistas: e tem todo o direito. Mas como curiosidade, o 'Dr.' Zacarias da Costa, 'Representante Permanente' em Bruxelas, Vice-Presidente da UDT, utiliza "Timor Leste".

2. Nota-se uma inconsistencia: aqui 'caládis' vem escrito com 'c'; um pouco antes, com 'k'.

3. Lipa nao é "espécie de saia", e nao precisa chegar aos tornozelos.

4. Como vê, é perigoso fazer generalizacoes! Dois segundos depois da primeira generalizaçao, aqui esta o autor a fazer concessoes.